

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – CAMPUS VII
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS - HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

OSÉAS CUNHA DA SILVA

INUNDAÇÕES URBANAS: Relato das memórias e experiências vividas em 2009
pelos moradores do bairro Santo Antônio em Codó-MA

Codó - MA
Janeiro de 2019

OSÉAS CUNHA DA SILVA

INUNDAÇÕES URBANAS: Relato das memórias e experiências vividas em 2009
pelos moradores do bairro Santo Antônio em Codó-MA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Coordenação do Curso de Licenciatura em
Ciências Humanas - História do Campus VII-
Codó, como parte integrante dos requisitos
para obtenção do título de Licenciado em
Ciências Humanas - História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Liliane Faria Corrêa Pinto.

Codó - MA
Janeiro de 2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

SILVA, Oséas Cunha da.

INUNDAÇÕES URBANAS : Relatos das memórias e experiências vividas em 2009 pelos moradores do bairro Santo Antônio em Codó-MA / Oséas Cunha da SILVA. - 2018.
52 f.

Orientador(a): Liliane Faria Corrêa PINTO.

Curso de Ciências Humanas - História, Universidade Federal do Maranhão, Codó-MA, 2018.

1. História Oral. 2. Inundações Urbanas. 3. Memórias. I. PINTO, Liliane Faria Corrêa. II. Título.

OSÉAS CUNHA DA SILVA

INUNDAÇÕES URBANAS: Relato das memórias e experiências vividas em 2009
pelos moradores do bairro Santo Antônio em Codó-MA

Aprovada em: 08 de Janeiro de 2019.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Liliane Faria Corrêa Pinto (Orientadora)
Coordenação de LCH/História, UFMA, Campus VII, Codó

Profa. Dra. Franciele Monique Scopetc dos Santos
Coordenação de Pedagogia, UFMA, Campus VII, Codó

Prof. Dr. Francisco Waldílio da Silva Sousa
Coordenação de LCN/Biologia, UFMA, Campus VII, Codó

DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar, dedico a Deus, que é o Senhor da minha vida, o meu Refúgio, minha Fortaleza e meu Socorro na hora da angústia.

Aos meus pais, o meu grande exemplo de vida, luta e determinação.

As minhas irmãs e aos meus sobrinhos, que tanto amo.

A minha esposa, minha grande amiga e companheira em todas as horas, conselheira nos momentos confusos, minha grande inspiração e acima de tudo, o amor da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, por mais uma vez me abençoar na realização de mais um sonho, por me fazer acreditar que Nele posso todas as coisas.

À Universidade Federal do Maranhão – UFMA – Campus VII, por ser a via principal que possibilitou a concretização desta etapa tão importante na minha vida e a todos os professores que fizeram parte dessa jornada, contribuindo para minha formação por meio de suas experiências.

À minha orientadora, Liliane Faria Corrêa Pinto, por me nortear nesse caminho, pela paciência e dedicação atribuída.

RESUMO

Esta pesquisa procurou conhecer através de depoimentos, as lembranças e sentimentos dos atingidos pela inundação de 2009 no bairro Santo Antônio, no município de Codó-MA. As narrativas foram obtida através da História Oral, que além de ajudar a complementar informações, pode trazer a tona uma leitura diferenciada de um acontecimento histórico. Esse viés metodológico que considera as reminiscências, sentimentos, experiências vividas e a relação com o lugar de fala como parte do processo de construção das narrativas históricas, pode possibilitar um ganho investigativo, que normalmente não se alcançam em pesquisas estritamente documentais. Ao observarmos a situação dos moradores da área inundável do bairro Santo Antônio, foi possível perceber nos discursos de cada entrevistado, uma sequência de fatos narrados que se tornaram parte da memória dos inundados. O sentimento de medo, impotência diante da tragédia, os traumas coletivos que são despertados pelo risco de novas inundações, são questões que permeiam a vida dos moradores ribeirinhos, e são objetos de interesse dessa pesquisa. Os relatos colhidos ao expressarem o sentimento de angústia e desespero, demonstram o tamanho do impacto que teve essa inundação para os moradores da região. Enfrentar uma situação de risco e vulnerabilidade, como os moradores do perímetro de inundação enfrentaram, foi sem dúvida, estar submetido a uma situação de extrema impotência diante dos fatos que se apresentaram.

PALAVRAS-CHAVE: Inundações Urbanas, História Oral, Memórias.

ABSTRACT

This research sought to meet through testimonials, the memories and feelings of those affected by the flood of 2009 in Santo Antônio neighborhood, municipality of Codó-MA. The narratives were obtained through Oral History, which in addition to helping to complement information, can bring up a different reading of a historic event. This methodological bias that considers the reminiscences, feelings, experiences and the relationship with the place of talks as part of the process of construction of historical narratives, can enable investigative gain don't usually reach in strictly documentary research. When we look at the situation of the residents of the flooded area of the Santo Antônio neighborhood, it was possible to perceive in the speeches of each interviewee, a sequence of facts narrated that became part of the memory of inundated. The feeling of fear, powerlessness in the face of tragedy, the collective traumas that are awakened by the risk of new flooding, are issues that permeate the lives of coastal residents, and are objects of interest of this research. The reports gathered to express the feeling of anguish and despair, demonstrate the size of the impact it had this flood for residents of the region. Facing a situation of risk and vulnerability, as residents faced flooding perimeter, was without a doubt, be subjected to a situation of extreme impotence on the facts that were presented.

KEYWORDS: Urban Floods, Oral History, Memories.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS SOBRE A HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA NAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS.....	13
2. REGISTROS DE MEMÓRIAS DA INUNDAÇÃO.....	23
2.1 “ <i>não, essa enchente não vai lá na minha casa...</i> ”: Antes da inundação..	27
2.2 “ <i>Eu fiquei desesperada...</i> ”: Lembranças do dia em que a água invadiu as residências.	28
2.3 “ <i>Mas o que ficou embaixo acabou tudo</i> ”: Prejuízos financeiros.....	31
2.4 “ <i>De lá pra cá a gente vem com esse drama de inundação constante, todo ano a gente tem essa, tem esse sufoco</i> ”: O retorno e os traumas.....	33
2.5 “ <i>É, o rio pra mim é tudo...</i> ”: Relação dos moradores com o lugar de moradia e o rio Itapecuru.	35
3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RELATOS: As convergências e singularidades do episódio.	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
APÊNDICE.....	44

INTRODUÇÃO

Muitas cidades do interior do Maranhão se desenvolveram no entorno do Rio Itapecuru, a cidade de Codó, que fica localizada no leste maranhense, é um exemplo de povoamento no qual se construiu a partir da relação com o rio. Na zona urbana do município, bairros como o Santo Antônio e a Trizidela cresceram dentro do perímetro de inundação do rio e, quando ocorre um período chuvoso de maior intensidade, são áreas que sofrem com inundações, o que conseqüentemente causa diversos transtornos e prejuízos aos moradores dessas localidades.

A vulnerabilidade e o risco a qual os moradores, em especial do bairro Santo Antônio, estão expostos, foi o que me despertou o interesse de conhecer melhor, através dos relatos e memórias da população atingida, as diversas situações que essas pessoas enfrentaram por causa do último grande episódio de inundação que ocorreu na cidade, que foi em 2009. Várias residências no bairro Santo Antônio foram atingidas e muitas pessoas tiveram que sair das suas casas, tendo além de prejuízos materiais, lembranças traumáticas que envolvem o episódio. Ressalto aqui que essas reminiscências traumatizantes são entendidas por essa pesquisa como o principal objeto de estudo.

Dado o histórico de enchentes que ocorrem nesse bairro desde a sua fundação em meados de 1970¹, essa pesquisa considera como objetivo norteador, conhecer através dos depoimentos, as lembranças sobre a situação vivenciada, entendendo essas reminiscências traumatizantes como fonte primordial de informação para construção da escrita do trabalho. Bem como registrar, através dos relatos dos moradores que vivenciaram essa experiência, as perturbações, a relação com o lugar e os prejuízos sofridos pela população ribeirinha. Outro sim, ainda objetiva-se constituir uma narrativa sobre o episódio, que considere as particularidades dos envolvidos no evento, dado que em casos como o das inundações de 2009 que ocorreram no Maranhão, as informações encontradas sobre o fato são quase que exclusivamente quantitativas. Portanto, desconsideram as singularidades e a relação única dos atingidos com o fato.

Pressupõe-se que trabalhos investigativos dessa natureza podem colaborar com o município, referente à questão do planejamento urbano e no devido cuidado

¹ Não se sabe precisamente quando esse bairro surgiu na cidade. Essa data aproximada a qual me refiro foi citada em conversas com antigos moradores do bairro.

que se deve ter com esses espaços, bem como se faz necessária pela pouca literatura na região que aborde essa temática, mesmo o problema da inundação sendo algo recorrente em alguns municípios do Maranhão, como na cidade de Codó (Figura 1).



Figura 1. Mapa do Maranhão destacando o município de Codó.
Fonte: Google Imagens

Entendo que essa pesquisa certamente se revelará como uma significativa contribuição para futuros pesquisadores e a sociedade, que porventura desconheça o risco comum a todos os moradores ribeirinhos da cidade. As narrativas obtidas através das entrevistas gravadas podem ajudar a complementar as poucas informações que se tem sobre este episódio ocorrido em 2009. Ressalto ainda o viés diferenciado da abordagem metodológica, a História Oral, que possibilitará enriquecer essa investigação, considerando os moradores também em sua subjetividade e sentimentos referentes ao episódio estudado.

Com o interesse de apresentar a metodologia e as fontes de pesquisas aos leitores, no primeiro capítulo intitulado: *Considerações históricas e conceituais sobre a história oral e memória nas ciências humanas e sociais*, faço um relato descritivo sobre a perspectiva histórica da utilização da história oral e o uso da memória nas ciências humanas. Nesse capítulo também discuto algumas questões conceituais sobre a história oral enquanto técnica de pesquisa e metodologia, bem como o uso memória como suporte de pesquisa historiográfica.

Em um segundo momento, que chamo de *registros de memórias da inundação*, faço uma síntese das falas dos entrevistados, organizando-as pelos seguintes subtemas: *Antes da inundação; Lembranças do dia em que a água invadiu as residências; Prejuízos financeiros; O retorno e os traumas; Relação dos moradores com o lugar de moradia e o rio Itapecuru*. Como a pesquisa tem um tema específico, as inundações urbanas de 2009, os subtemas foram importantes para a organização do trabalho e para que os entrevistados mantivessem suas falas de maneira organizada e dentro da linha de interesse da pesquisa, dado que não era o foco principal a história de vida.

Em *Algumas considerações sobre os relatos: as convergências e singularidades do episódio*, procuro fazer uma breve análise dos relatos expostos utilizando o arcabouço teórico inicialmente trabalhado nessa pesquisa, para compreender o que nos foi contado. Procuramos então constituir uma narrativa mais complexa, para além dos quantitativos da tragédia, considerando a subjetividade envolvida como parte do processo de análise das narrativas.

1. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS SOBRE A HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA NAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS.

Ao propor neste trabalho a utilização da história oral como suporte metodológico de pesquisa e da memória como instrumento de análise histórica, percebeu-se a necessidade de se apresentar e também delimitar as discussões conceituais que existem acerca dessas temáticas. Na historiografia atual, embasada principalmente pelos aportes teóricos permitidos pela nova história cultural², existe uma variedade de fontes e metodologias de pesquisa que podem ser utilizadas para uma investigação científica. Essas novas ferramentas que podem contribuir no campo das ciências humanas e sociais, e neste caso, especificamente da história, tem ajudado principalmente pela riqueza de detalhes que permite acrescentar aos fatos.

As narrativas obtidas através da história oral, além de ajudar a complementar informações, podem trazer a tona uma leitura diferenciada de um acontecimento histórico já estudado por outras pesquisas. A utilização do sujeito envolvido como fonte de informações, pode adicionar elementos que valorizam os relatos históricos. Esse viés metodológico que considera as reminiscências, sentimentos, experiências vividas e a relação com o lugar do sujeito, como parte do processo de construção das narrativas históricas, pode possibilitar um ganho investigativo que normalmente não se alcançam em pesquisas estritamente documentais.

A história oral como método de pesquisa no Brasil começa a se difundir durante a década de 70 do século XX, essa nova forma de investigação passa por um processo de aceitação no âmbito acadêmico que somente se consolida a partir dos anos 90 daquele século. As discussões realizadas em eventos e a crescente aceitação da história oral nos programas de pós-graduação das universidades federais, foram o caminho percorrido para o amadurecimento das discussões relativas à temática³. A atuação de pesquisadores ligados ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) foi fundamental para

² Sobre história cultural ver: BURKE, Peter. O Que é História Cultural? Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

³ Para conhecer melhor sobre esse trajeto ver: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

a divulgação de pesquisas baseadas na utilização da história oral. Ao narrar sobre essa trajetória Alberti (2003, p. 20-21) fala que:

A partir dos anos de 1990, o chamado “movimento da história oral” ampliou-se significativamente, tanto no Brasil quanto no exterior. Em abril de 1994 foi fundada a Associação Brasileira de História Oral (ABHO), por ocasião do II Encontro Nacional de História Oral. Desde então a comunidade de pesquisadores e interessados no assunto só fez crescer, impulsionada pelos encontros regionais e nacionais. No plano internacional, em 1996 criou-se em Gotemburgo, Suécia, a International Oral History Association (IOHA), com expressiva participação de pesquisadores brasileiros.

A história oral dentro de uma pesquisa pode ser usada de algumas formas, dependendo do propósito que se pretende alcançar. Um professor em sala de aula pode utilizá-la como uma disciplina acadêmica, pode ser trabalhada como uma técnica de pesquisa, como fonte de pesquisa e principalmente como metodologia de investigação. A história oral acrescenta ao pesquisador a possibilidade de analisar informações não só pelo viés dos documentos impressos, mas também a partir da memória individual e coletiva de um grupo, de relatos expostos entre o diálogo construído pelo entrevistador e entrevistado. Alberti (2003, p. 18) diz que: “[...] a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo”. Essa possibilidade de alcançar o testemunho de quem vivenciou determinado fato é certamente um ganho na historiografia moderna proporcionado pela história oral.

Na atualidade existem algumas coleções de pesquisas voltadas para a apresentação e discussão teórica da história oral, bem como manuais de uso e procedimentos metodológicos que orientam pesquisadores no processo de construção de narrativas históricas baseadas na oralidade⁴. É interessante ressaltar que somente a partir da segunda metade do século XX, que novas metodologias passaram a ter maior aceitação no âmbito das ciências humanas. O paradigma estabelecido pela visão positivista de ciência criou alguns desafios ao campo das humanidades. Pesquisas estritamente quantitativas que não consideram alguns

⁴ O célebre trabalho de Verena Alberti é um exemplo dessas obras que contribuem com novos pesquisadores. Ver ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

elementos do mundo social, sempre foram barreiras para os cientistas sociais. Nesse sentido, Alberti (2003, p. 19) acrescenta que:

[...] a história oral se apresentou como potencial de estudo dos acontecimentos e conjunturas sociais. Atribui-se a isso uma espécie de insatisfação com os métodos quantitativos, que, no pós-guerra começaram a ceder lugar aos métodos qualitativos de investigação. O recurso do gravador portátil a partir dos anos de 1960 permitia “congelar” o depoimento, possibilitando sua consulta e avaliação em qualquer tempo e transformando-o em fonte para múltiplas pesquisas.

A possibilidade de uma investigação científica dentro das ciências humanas e sociais terem métodos de pesquisas que incorporam elementos sociais complexos e ao mesmo tempo instigantes como as reminiscências de uma testemunha ocular, foi de fato uma conquista para a ciência, e essencialmente para determinados grupos sociais que passaram a terem os seus discursos legitimados frente as narrativas oficiais. A utilização da história oral se faz necessária principalmente quando projetos de pesquisa permitem a utilização de uma metodologia a qual privilegia o diálogo entre sujeitos, suas memórias, identidades e narrativas, ressaltando, desse modo, os valores coletivos e as próprias ações de um grupo (ALBERTI, 2005).

A história oral é conhecida por dar voz aos excluídos, aos subalternos, aqueles que por muito tempo se tornaram invisíveis nas grandes narrativas históricas, que por consequência sempre centralizaram seus enredos nas figuras públicas, especialmente de destaque político e econômico. Sendo assim, essa metodologia se destaca por tornar possível o surgimento de “outras histórias”, enaltecendo sujeitos que tem suas próprias particularidades e experiências. Personagens que trazem nas suas histórias de vida uma percepção ímpar e dotada de um olhar singular dos fatos vivenciados in loco. Assim, Thompson, (2002, p.89) justifica a importância da história oral dentro da historiografia atual acrescentando que:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindo não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos a conquistar

dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e dos outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história.

O caminho metodológico da história oral possibilita a escrita de uma história mais popular, mais próxima dos excluídos socialmente. Ela traz o desafio aos historiadores e demais pesquisadores que a utilizam, de abordar novas temáticas e considerar novas demandas de grupos sociais que buscam sua representatividade no espaço social e acadêmico. Movimentos feministas, coletivos negros, movimentos de trabalhadores operários, grupos religiosos, pessoas que vivenciaram traumas, entre tantos outros grupos, tem encontrado na história oral uma voz para externalizar suas lutas, trajetórias de vidas e resistências.

O trabalho com a história oral requer uma meticulosa organização por parte do pesquisador, ter as ferramentas necessárias para arquivar essas fontes orais não garante que exista uma validade acadêmica do trabalho em construção. Existem regras a serem seguidas e ainda assim é necessário entender que um depoimento não pode ser tomado como uma verdade indiscutível de um fato ocorrido. É importante a criticidade do pesquisador e especialmente a capacidade de entender aquilo que está sendo dito e também silenciado.

Para tanto, é necessário a coleta de uma gama de informações anteriores ao processo de entrevista. Documentos impressos, fontes audiovisuais, bem como outros relatos de envolvidos que podem corroborar com o pesquisador para compreender a história contada e suas nuances. O uso da história oral não significa renegar outras fontes, pelo contrario, significa um caminho a mais para a construção do conhecimento.

Mesmo com uma ideia montada e um objeto de pesquisa que permite ser analisado através de relatos orais, a forma da entrevista e a escolha do tipo ainda são questões a serem consideradas. Para a utilização da história oral, não é o bastante apenas ter testemunhas vivas dispostas a falar sobre o tema abordado, mas essencialmente é necessário terem condições físicas e mentais de colaborar. (ALBERTI, 2005).

O tipo de entrevista proposta é extremamente importante para se alcançar os objetivos pretendidos na pesquisa. Com base em um projeto de pesquisa inicial é possível perceber com qual modalidade de entrevista se conseguirá abarcar com maior riqueza os objetivos propostos para investigação. Os dois tipos de entrevistas predominantes que se costumam usar dentro da história oral é a entrevista temática e entrevista de história de vida.

Ao fazer algumas considerações sobre essas modalidades de entrevistas, Alberti (2005) aponta uma definição e algumas diferenças que são necessárias entender, para, a partir do uso correto do tipo de entrevista, se extrair informações que sejam relevantes para a construção do trabalho investigado.

As entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se interessou. Pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados. (ALBERTI, 2005, p. 37-38).

Atualmente podemos afirmar que a oralidade é um forte instrumento para formação do conhecimento sobre o passado, porém, existem algumas questões teóricas que durante muitos anos foram motivos de discussões e críticas sobre as fontes orais. Alguns historiadores entendem que existe uma diferença considerável entre uma fonte escrita e a fonte oral. A subjetividade que existe em um relato oral foi vista durante muito tempo como um problema que desafia a cientificidade dessa fonte.

Thomson (1994, p. 66) ao tratar sobre as críticas dos historiadores documentalistas, destaca outro elemento que foi muito discutido no início da história oral: “o principal alvo dessas críticas era a memória não ser confiável como fonte histórica, porque era distorcida pela deteriorização física e pela nostalgia da velhice, por pré-conceitos do entrevistador e do entrevistado e pela influência de versões coletivas e retrospectivas do passado”. É interessante ressaltar que essas críticas se acentuavam pelo contexto historiográfico da época. A visão de história era submetida a ideia de que somente as fontes empíricas continham verdades.

Não obstante essa visão positivista tenha dificultado inicialmente o caminho das pesquisas qualitativas⁵, essas questões têm sido superadas ao longo dos anos. Afinal, como diz Pollak (1992, p. 8) “Se a memória é socialmente construída, é obvio que toda documentação também o é, [...] Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável a fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta”. A subjetividade outrora tida como uma limitação, hoje é reconhecida como talvez a principal virtude da história oral (CRUIKSHANK, 2006). Na atualidade, a história oral dispõe de métodos de análise que não somente atentam para o conteúdo de uma entrevista, mas que consideram a natureza e os processos de rememoração (THOMSON, 1994).

Metodologias qualitativas como a história oral inserem na pesquisa acadêmica certa fluidez que podem superar os limites do estabelecido a priori. É necessário ter ciência que novos elementos podem surgir durante uma pesquisa. Em uma entrevista informações podem surgir pela espontaneidade do diálogo entre entrevistado e entrevistador, e com a devida sensibilidade investigativa e critério metodológico é possível preencher eventuais lacunas da pesquisa ou agregar informações.

O estudo da memória perpassa por várias áreas de conhecimento científico. Cada campo de estudo tem as suas especificidades e tratam sobre essa questão considerando aspectos variados, e principalmente utilizando-se de abordagens distintas das recorrentes nas ciências humanas e sociais. Dentro da historiografia atual, cada vez mais é recorrente o uso da memória como instrumento de análise histórica. As múltiplas relações entre história e memória tem se tornado o enfoque de muitos trabalhos acadêmicos que buscam compreender essas relações e estabelecer suas pontuais diferenças.

A ideia de investigação científica que tem em seu arcabouço metodológico o uso da oralidade está diretamente relacionada ao uso da memória no processo de construção da pesquisa. A história oral é por onde se extrai a memória, que por sua vez, tem sido o objeto de reflexão de muitos pesquisadores.

A abordagem conceitual a qual proponho neste trabalho sobre memória é respaldada em diversos autores do campo das ciências humanas e sociais, alguns

⁵ Sobre Análise qualitativa. ANDRÉ, M. E. D. A. Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, 1983.

textos escritos por pesquisadores como, Jacques Le Goff⁶, Pierre Nora⁷, Michael Pollak⁸, e Maurice Halbwachs⁹, nos possibilita uma reflexão mais teórica sobre a memória e sua formação como um elemento de estudo que se tornou indispensável na nova história cultural.

Não obstante houvesse estudos sobre a memória individual e coletiva anterior a Halbwachs, é com esse pesquisador que se inaugura uma discussão mais ampla sobre a memória, surgindo assim um novo campo de estudos, que inicialmente se consolidou dentro da sociologia, e posteriormente passou a ser objeto de estudo e reflexão em muitas outras áreas de conhecimento.

Para se compreender a importância das lembranças em uma pesquisa que se utiliza da história oral, é necessário primeiramente se debruçar sobre as discussões teóricas que envolvem a construção e formação da memória, construção essa que é fundamentalmente social. Seja a memória coletiva ou individual, é ponto consensual que certos processos só se realizam pelas relações sociais estabelecidas pelo indivíduo em um determinado grupo social. Sobre essa relação de independência com o mundo social, Halbwachs (2003, p. 72) examinando a memória individual, conclui que:

Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer as lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras, e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente.

Ao procurar compreender conceitualmente a memória, considerando também suas dimensões segundo os autores trabalhados, eventualmente pode se perceber que existem algumas diferenças pontuais sobre a problematização do tema abordado, sua aceitação enquanto fonte de pesquisa e sua relação com a história. Porém, o trabalho proposto busca as convergências de pensamento que existem

⁶ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 3º Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

⁷ NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

⁸ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. ISSN 2178-1494.

⁹ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. trad. Beatriz Sidou. São Paulo. Centauro. 2003.

entre esses autores, procurando de maneira concisa uma definição conceitual sobre as reminiscências.

Em sua análise conceitual sobre a memória, Le Goff (2013, p. 387) aponta que a memória é “a propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” Essa capacidade de conservar informações (ainda que de maneira parcial) é um processo importante para a historiografia moderna, e principalmente na construção identitária dos grupos sociais. É o que gera a experiência adquirida em vida e a sensação de pertencimento com o meio social no qual estão inseridos.

É interessante lembrar, que a construção da identidade individual ou coletiva de um grupo, além de outros fatores, também perpassa pelos processos de rememoração do indivíduo. Sobre esse papel da memória na formação identitária dos grupos sociais, Le Goff (1990, p.476) diz que:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social e, sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição.

Ao problematizar a memória como objeto de estudo e discussão, Pollak (1989, p. 7) de maneira sucinta entende a memória como uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc”. Esse sentimento de unificação consolidada através da memória dos indivíduos é um processo construído paulatinamente como aponta Hall (2006, p. 38) explicando que: “A identidade é algo realmente formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” ”.

Ao analisar a memória e os contextos sociais que a envolvem, seja ela, coletiva ou individual, Maurice Halbwachs entende que a memória humana, ainda

que seja uma memória do indivíduo é resultado de um constructo coletivo, ou seja, carregamos em nossas memórias, as memórias de outros. Para explicitar melhor essa ideia, Halbwachs (2003, p. 30) fala que:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, [...]. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem.

É consensual entre esses autores que a memória tem como característica marcante a capacidade de ser mutável e influenciável por determinados fatores. Isso ocorre devido aos processos responsáveis pela sua formação. Ao falar sobre os elementos constitutivos da memória, Pollak (1992, p. 2) trabalha com duas categorias distintas de análise que explicam o processo de formação da memória:

Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os *acontecimentos* que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.

Ao se estudar sobre as memórias coletivas e individuais de determinados grupos sociais, é possível perceber a importância dessas memórias como um elemento que é necessário para a construção do sentimento de identidade, que é outra discussão relevante na historiografia atual, considerando a sua importância na formação do imaginário social das sociedades.

Outra importante questão levantada nos estudos da memória, diz respeito aos pontos de referências que estruturam nossa memória, para Pierre Nora (1993, p. 25) "a memória pendura-se em lugares como a história em acontecimentos". Portanto, esses lugares de memória, que nos despertam um sentimento de pertencimento a determinado lugar, são entendidos pelo autor como essenciais para a construção e a formação da identidade de um povo.

Cabe ressaltar que as abordagens feitas por esses autores foram fundamentais para o avanço sobre os estudos referentes a memória. Com a proeminência da história oral na historiografia contemporânea e conseqüentemente

a utilização da memória como fonte de pesquisa¹⁰, se tornou real a possibilidade do surgimento de narrativas plurais sobre um mesmo fato. Segmentos específicos da sociedade passaram a disputar as narrativas históricas com a mesma legitimidade da história oficial.

Ademais, apesar de atualmente haver uma maior aceitação em tratar a memória como fonte de pesquisa, ainda é passível de críticas essa afirmação. Porém, ao ousar chama-la dessa forma, uso como base a ideia de que a historiografia atual não busca construir verdades históricas como se fazia em uma linha mais positivista da história. O importante no momento é a problematização dos fatos e não a reconstrução tal qual realmente aconteceu. Nesse sentido, Thompson (2002, p. 197) destaca que:

Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar a subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta. Se assim é, porque não aproveitar essa oportunidade que só nós temos entre os historiadores, e fazer nossos informantes se acomodarem relaxados no divã, e, como psicanalistas, sorver em seus inconscientes, extrair os mais profundos de seus segredos?

O uso da memória pelos historiadores como um recurso para a construção de uma narrativa histórica, considerando determinados grupos e mesmo pessoas comuns como objeto de interesse da historiografia, pode ser entendido como a possibilidade de trazer a tona outras histórias. Como destaca Barros (2009, p. 62) “Captar registros múltiplos através de entrevistas e coletas de depoimentos torna-se uma interessante estratégia para multiplicar pontos de vista, confrontá-los, opô-los aos fatos propriamente ditos com vistas a problematizá-los.” Construindo assim histórias que não se baseiam em uma visão unilateral, mas permitem a pluralidade dos discursos históricos.

¹⁰ Para entender a ideia de memória como fonte histórica ver: BARROS, José D’Assunção. História e memória—uma relação na confluência entre tempo e espaço. *MOUSEION*, v. 3, n. 5, p. 35-67, 2009. Nesse artigo o autor faz uma importante síntese sobre os avanços das fontes de pesquisas, principalmente como advento da história oral.

2. REGISTROS DE MEMÓRIAS DA INUNDAÇÃO.

Neste capítulo apresentaremos as narrativas colhidas na pesquisa de campo sobre o episódio da inundação de 2009 em Codó. A coleta desses relatos foi parte integrante das atividades do projeto “Delimitação da área de risco de inundação no perímetro urbano de Codó-MA e suas implicações na dinâmica sócio-econômico-ambiental”, coordenado pelo professor Dr. Alex de Sousa Lima. O roteiro da entrevista foi organizado com objetivo de direcionar o entendimento do leitor sobre as experiências vividas pelas pessoas que foram impactadas com essa tragédia no bairro Santo Antônio. Pretende-se nesse capítulo ainda demonstrar alguns dos elementos que corroboraram para a escolha de tais entrevistados.

Os relatos dos moradores do perímetro de inundação do bairro Santo Antônio foram colhidos a partir da realização de entrevistas direcionadas ao fenômeno específico estudado, considerando as lembranças e percepções acerca das enchentes vivenciadas por esses indivíduos como um valioso objeto de análise. A entrevista temática, que são aquelas que versam sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, Alberti (2005), foi utilizada por que acreditamos que possibilita um enfoque maior sobre os objetivos desse trabalho.

É importante considerar que não tomamos aqui os fatos narrados como verdades indiscutíveis. Apesar de ter ciência do impacto que foi essa inundação no município¹¹, ao se trabalhar com a memória, estamos lidando com a subjetividade do sujeito, e certamente essa subjetividade é influenciável por alguns elementos externos. A memória é algo sempre em disputa e em processo de reconstrução, “é, em parte, herdada, não se refere apenas a vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são em função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa.” Pollack (1992).

Apesar disso, a historiografia atual ao trabalhar na perspectiva da problematização dos fatos, e não da tentativa de reconstrução fidedigna de determinado momento histórico, entende essas nuances como fator de

¹¹ Lembro-me que apesar de morar em um bairro distante do episódio, eu acompanhei de perto o ocorrido. Inclusive andando com uns amigos dentro da área de inundação e observando a situação crítica de muitos moradores.

enriquecimento, gerando perspectivas variadas de abordagens¹². O que certamente é uma vantagem para as ciências humanas e sociais.

Ao escolher os entrevistados que seriam usados como fontes de investigação, consideraram-se entre outros aspectos, as situações intensas vivenciadas com a inundação ocorrida em 2009 na cidade de Codó- MA. Vale ressaltar que antes de gravar as entrevistas com esses moradores da área, anteriormente eu já tinha tido um contato com essas pessoas.¹³ Essa aproximação previa me garantiu a possibilidade de entender melhor os dramas vivenciados e certificar, se de fato esse grupo entrevistado estava inserido no perímetro de inundação.

Enquanto bolsista de iniciação científica, participei da aplicação de 115 questionários com os atingidos pela enchente do Rio Itapecuru, fazendo um levantamento de informações socioeconômicas dentro do perímetro de inundação.¹⁴ Foram alcançadas algumas informações que nos possibilitou compreender melhor o perfil dessa população ribeirinha que ocupa essa área de risco permanente, de acordo com o histórico de enchentes registrado na região, que data desde 1917.

¹² Uma melhor discussão sobre essas possibilidades pode ser encontrada em: BARROS, José D'Assunção. História e memória—uma relação na confluência entre tempo e espaço. MOUSEION, v. 3, n. 5, p. 35-67, 2009.

¹³ Esse contato inicial se deu através do projeto de pesquisa “Levantamento dos aspectos sociais (pobreza, analfabetismo, moradia, saneamento, etc.) E econômicos (emprego, renda, bens e serviços, etc.) Da área de risco de inundação do perímetro urbano de Codó-MA, nos bairros Santo Antônio e Trizidela” do qual fui bolsista do programa institucional de bolsas de iniciação científica (PIBIC), sobre orientação do professor José Carlos Aragão Silva (UFMA).

¹⁴ A aplicação de questionários foi uma das etapas do projeto PIBIC “Levantamento dos aspectos sociais (pobreza, analfabetismo, moradia, saneamento, etc.) E econômicos (emprego, renda, bens e serviços, etc.) Da área de risco de inundação do perímetro urbano de Codó-MA, nos bairros Santo Antônio e Trizidela”

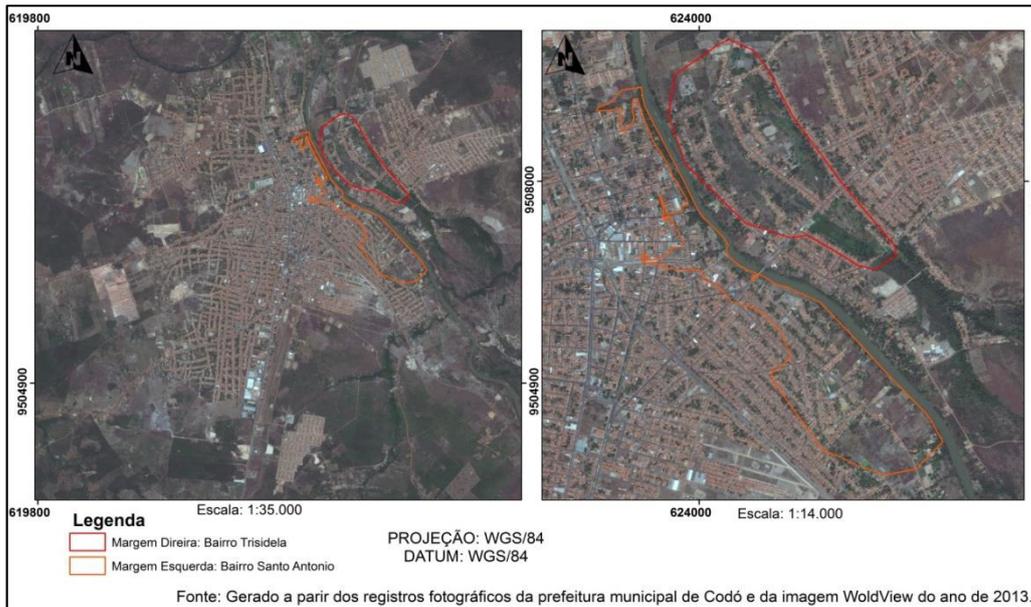


Figura 2. Localização do perímetro urbano de inundação a partir dos dados do evento de 2009.
Fonte: Projeto Delimitação da área de risco de inundação no perímetro urbano de Codó-MA e suas implicações na dinâmica sócio-econômico-ambiental”, coordenado pelo professor Dr. Alex de Sousa Lima (Professor de Geografia da UFMA)

Na busca de compreender os fatos ocorridos durante a inundação, na perspectiva de quem vivenciou, e utilizando-se da memória como instrumento de análise histórica, foi necessário um recorte do número de entrevistados para se ter uma percepção do impacto desse episódio na vida dos moradores. O diálogo proposto nessa pesquisa teve a colaboração de 6 moradores do bairro Santo Antônio (Quadro 1). Todas essas pessoas foram devidamente orientadas sobre o nosso propósito e se dispuseram a conversar sobre essa temática, encontrando nesse diálogo a possibilidade de externar aquilo que vivenciaram, e a sua relação com o lugar de moradia e o rio Itapecuru.

QUADRO 1. Lista dos moradores entrevistados durante a pesquisa.

Nº	NOME	Idade	Morador no local
1	José Hamilton Ribeiro dos Santos	54	28 anos
2	Benta Maria Pereira	66	42 anos
3	Evane Thaís Austríaco Coelho	27	27 anos
4	Marilene Teixeira Mota	57	25 anos
5	Rita Oliveira	47	10 anos
6	Luís Carlos da Silva	59	24 anos

As entrevistas com os moradores foram conduzidas de maneira que permitissem certa organização do pensamento dos entrevistados¹⁵. Destacamos durante as entrevistas algumas situações que passavam desde os momentos que antecederam a inundação de suas residências, como também o momento da inundação, prejuízos, o retorno pós-inundação, relação com o Rio Itapecuru, com o lugar de moradia e traumas criados por essa dinâmica do medo, dado o histórico conhecido de inundação dessa área.



Imagem tirada em cima da ponte da Trizidela.

Fonte: Google imagens



Rua Afonso Pena, Centro, Codó-MA.

Fonte: Google Imagens

¹⁵ Todos os entrevistados serão utilizados nessa pesquisa. Eventualmente, nem todas as partes das entrevistas serão usadas na pesquisa, afinal, também é trabalho do historiador selecionar as fontes e informações.

2.1 “não, essa enchente não vai lá na minha casa...”: Antes da inundação.

Sobre a perspectiva da invasão da água chegar até sua residência, a senhora Rita Oliveira, uma das vítimas atingidas por essa inundação, nos relatou que: “Foi muito ruim, porque a água vem pelo lado mais baixo, quando nós percebemos que a água ia chegar em nós, a água já tava aqui chegando na casa.”

O senhor José Hamilton, que de maneira muito receptiva se dispôs a nos relatar suas lembranças, disse que: “A gente ficava vendo, como nós aqui estamos num ponto mais alto, ficava vendo os vizinhos sair, outros perdendo já as coisas, era quem tinha alguma criaçãozinha, e a gente vendo se perder tudo nas águas, e as águas subindo [...]”. A residência do senhor Hamilton está localizada em uma das ruas que mais são impactadas em períodos chuvosos, segundo alguns moradores, não precisa de um inverno rigoroso para que a rua sofra com alagamentos. Isso se deve a proximidade com o rio Itapecuru, e certamente a péssima estrutura urbanística, que é comum nos bairros periféricos da cidade de Codó.

Apesar da iminente situação de risco e preocupação causada pelas chuvas intensas do inverno de 2009 em Codó, é comum nas narrativas o sentimento de esperança acerca da possibilidade de não ser o próximo atingido pela enchente. Os moradores do perímetro de inundação,¹⁶ têm vivenciado ao longo dos anos com essa problemática, com maior ou menor intensidade, o fato é que o período chuvoso sempre traz situações de risco aos ribeirinhos.

Então, é, foi, foi desesperador, num sabe? Aquele momento, quando a gente começou a ver a água aqui no quintal do vizinho de frente, a água subindo. [...] É, é aquela coisa triste, né?! Você tá vendo, né?! E ficou: mas será se vai vir também aqui? [...] Será se vai vim? Será se vai vim? Talvez não venha, mas tava vindo e veio mesmo. Então, não é bom, é uma sensação muito ruim, muito ruim, é triste. (MARILENE TEIXEIRA, 2018)

Sobre sua experiência traumática a senhora Benta fala da surpresa que foi ao perceber que de maneira repentina sua residência também estava sendo atingida pela inundação.

Então, no tempo dessa enchente foi uma coisa muito, assim, desagradável pra gente. Nós nunca, eu nunca tinha passado por um

¹⁶ Sobre o perímetro, ver Figura 1.

momento assim. E aí a enchente chegou aqui nesse momento. Eu achava que ela não vinha por causa da distância, ficava só na rua anterior, na rua Nina Rodrigues. E aí eu só vendo aquele movimento de carro e de gente, canoa pra cima e pra baixo lá e tudo, eu digo: não, essa enchente não vai lá na minha casa. Mas aí, foi uma coisa que, de repente... [...] (BENTA MARIA, 2018)

De maneira muito similar as outras experiências vivenciadas, Evene Austríaco nos ressaltou o seu momento de angústia e a resistência em deixar seu lugar de moradia.

Foi um momento bastante, assim, angustiante, porque quando iniciou, né, o período chuvoso, a enchente em si, é, as pessoas, a vizinhança, as pessoas que moravam próximas, próximas as margens do rio, elas foram saindo de suas casas, então, na minha casa mesmo só ficou, da minha rua aliás, só ficou a nossa casa, nós e os vizinhos, os vizinhos do lado. Então o vizinho do lado, foi e deixou a sua casa por que a água entrou e nós fomos os últimos a sair [...] (EVENE, 2017)

2.2 “Eu fiquei desesperada...”: Lembranças do dia em que a água invadiu as residências.

Apesar da expectativa inicial dos moradores de que a cheia do rio Itapecuru de 2009 fosse como a dos anos anteriores e não invadissem suas casas, o que de fato aconteceu foi uma repentina subida do nível da água, ocasionando uma surpresa extremamente desagradável para os habitantes da área de inundação do bairro Santo Antônio.

O senhor José Hamilton e sua família, esposa e filha, passaram de 20 a 25 dias sem poder retornar a sua residência. Nesse período, eles ficaram alojados em uma escola no bairro Trizidela junto com outras famílias desabrigadas. Quando questionado sobre quanto tempo ficou com água dentro da casa, ele afirma que foram 16 dias e disse: “foi muito difícil, porque uns 10 dias nós passamos só vendo mesmo de longe porque não tinha mais como encostar [...]”. Ao falarem sobre o momento em que a água invadiu suas casas, é notório o drama e a sensação de vulnerabilidade a qual essas vítimas estavam submetidas diante da tragédia.

[...] a água chegou aqui pela boca da noite, a noitinha já. Começou o dia a gente já naquela expectativa [...] Quando a água chegou que nós já fomos sair, algumas coisas nós *tiremos*, ainda deu tempo. A gente pediu um caminhão, *levemos* algumas coisas grandes, pra tirar às coisas pequenas a gente já saiu daqui com a água praticamente na cintura. Eu sou uma pessoa de 1,70 cm, a água já tava na cintura, então, algumas coisas mais miúdas a gente já não levou [...] Dentro da minha casa ela chegou a 1,20 cm aqui e ainda hoje ela tem uma marcação na caixa de luz, 1,20 cm mais ou menos de altura. Que quando nós saímos, as últimas pessoas a sair daqui já saiu de bote, o pessoal carregando já de bote, canoa, essas coisas. (JOSÉ HAMILTON, 2018)

O impacto e a velocidade em que a água invadiu suas residências foi um dos elementos que colaboraram para a maior dimensão da tragédia.

Inicialmente a água entrou pela frente, pela parte de frente da casa, pela porta e também pelo quintal. No momento em que a água entrou ela se uniu, e isso foi subindo, então a água, conseqüentemente, a água foi até o teto [...] Foi pela manhã, nós estávamos todos em casa, eu tava até com febre, e a água foi entrando e nós né, naquela agoniação, naquele aperreio todo, fomos tirando aquilo de mais fácil né, (confuso) íamos visualizando alguns objetos, então nós, é, saímos com trouxas né. Graças a Deus nós tínhamos, tem um muro ao final do quintal da minha casa, nós com uma escada nós conseguimos retirar alguns é, cama, roupas. Minha mãe vendia roupas nessa época né, tinha uma lojinha, e nós também perdemos alguns objetos. (EVENE AUSTRÍACO, 2017)

Na fala da senhora Rita Oliveira chama atenção o volume da água que atingiu sua residência e o imprevisto que foi necessário para salvar alguns pertences pessoais.

Foi pela manhã. Meio dia nós não tivemos mais como ficar mais não, porque a água já tinha invadido tudo. Aí nós saímos. [...] A casa ficou aqui abandonada com um monte de coisa, geladeira véia, cadeira, ficou tudo aí, colchão véi. Só tiremos nós mesmo, porque quando nós saímos a água já tava no pescoço, então nós não podemos tirar nada, fizemos foi amarrar umas coisas aqui em cima na casa, que a casa era de taipa e aqui ficou. E nós fomos embora. (RITA, 2018)

Nesse primeiro momento da inundação a solidariedade da população e ajuda do município disponibilizando transportes, foi importante para amenizar as perdas de alguns moradores.

Quando entrou aqui, naquele momento, já tinha carro aqui na porta e nós começamos a botar as coisas, né? E botando as coisas naquele carro e chovendo. E até então eu tava assim, é, aquela coisa, a gente ver aquilo ali, da, ainda não caiu a ficha, mas tá acontecendo mesmo? Tá acontecendo? E quando deu no dia seguinte que eu já tava lá no colégio, lá com meus, meu pessoal foi que eu fui parar e pensar: meu Deus, né?! Aconteceu! Pra mim foi um dilúvio, é como um dilúvio, aquele dilúvio que fala da bíblia, eu comparo assim. (MARILENE TEIXEIRA, 2018)

Dependendo da localização da moradia no bairro Santo Antônio, o tempo em que a água ficou na residência foi diferente. Isso se deu logicamente porque problemas com a infraestrutura de terrenos é muito comum na parte periférica das cidades, residências construídas próximo às *áreas de proteção permanentes*, que são definidas assim de acordo com a Lei nº 12.651 de 2012, que dispõe sobre a proteção no entorno das margens de qualquer curso d'água perene ou intermitente, são suscetíveis a sofrerem com fortes inundações, ocasionando diversos prejuízos e traumas aos seus residentes.

Essa situação de exposição a esses fenômenos naturais¹⁷, como no caso das enchentes ribeirinhas que causam transtornos, modificando e afetando diretamente a vida e a rotina desses moradores, deixando ainda muitas marcas e reminiscências ao longo da trajetória de vida desses indivíduos, é algo extremamente desgastante, principalmente quando pessoas atingidas por essas enchentes chegam a ter que abandonar suas residências, deixando desprotegidos seus patrimônios, que conseguiram construir ao longo da vida.

A alteração inesperada da rotina dessas pessoas provoca muitas lembranças traumatizantes, a sensação de incapacidade perante o abandono dos bens adquiridos, o risco constante de furtos, como foi testemunhado por muitos moradores durante o esvaziamento das ruas atingidas, são situações que ficaram marcadas na memória dos envolvidos.

¹⁷ Apesar da cheia dos rios serem um processo natural, não se pode descartar a ação antrópica como possível potencializadora das inundações nos espaços urbanos. A ineficiente infraestrutura e a ocupação irregular de áreas de risco são exemplos da interferência humana que potencializam essas tragédias. Sobre o assunto ver: TUCCI, Carlos E. M. Gestão das inundações urbanas. Porto Alegre: Associação Brasileira de Recursos Hídricos, 2005.

2.3 “Mas o que ficou embaixo acabou tudo”: Prejuízos financeiros.

O seu Luís Carlos foi um dos moradores que passou poucos dias longe de casa, e que conseguiu sair antes da água invadir sua residência. De acordo com o seu relato, ele e sua família passaram próximo de 5 fora da sua residência. Nesse período esteve alojado na casa de sua irmã. Por terem saído antes da invasão da água em sua casa, eles conseguiram retirar a sua mobília em segurança, contudo, devido todo esse transtorno e as excessivas chuvas do mês de Maio acabou por ter prejuízos durante o retorno.

[...] na hora do período de eu vim de lá para cá de volta, quando chego bem ali no Antônio sucata, na beira da linha, ali no Estevam Ângelo. Quando chego ali, de momento vem uma chuva e o caminhão vinha no aberto em cima trazendo as coisinhas, aí perdeu o colchão, perdeu o armário, perdeu guarda-roupa foi, perdeu. Dois armários que tinha se perdeu tudo, quebrou, o material é um material fraco, aí não valeu mais nada. (LUÍS CARLOS, 2018)

Ao nos falar sobre os prejuízos financeiros de sua família, Evene Austríaco, que passou próximo de 60 dias longe de casa, hospedada na casa de parentes, disse que: “Mais foi roupas mesmo, teve a mesa da cozinha, é, como é que eu posso falar? mais, alguns objetos, graças a Deus nós não perdemos televisão, não perdemos geladeira que é o essencial né, são os materiais que a gente utiliza no nosso dia a dia.”

A história de dona Rita Oliveira com a tragédia da inundação de 2009 em Codó, não é diferente das muitas outras histórias de moradores do perímetro inundável que nesse período viviam em residências de taipa,¹⁸ por não existir um material de fixação como o cimento nas paredes de algumas dessas residências, somente a argila, a água se torna um inimigo poderoso contra a estrutura dessas casas. A maioria dessas pessoas perderam absolutamente tudo, a casa acabava caindo e destruindo os poucos móveis desses flagelados da enchente.

Nós perdemos colchão, geladeira, cadeira, tudo ficou aqui. O sofá, até hoje, eu tenho ele ali todo rasgado velho, porque nós amarramos

¹⁸ Também conhecidas como casa de pau a pique. No maranhão, sua estrutura consiste na montagem de uma estrutura de madeiras de várias espessuras, talos tirados da palha dos cocais, barbante ou cipó para amarração e o uso da argila para preencher as paredes da casa. A cobertura da residência pode ser feita de telhas ou palhas extraído dos cocais.

na cumieira da casa. Os meninos amarraram e penduraram, e nós saímos. Mas o que ficou embaixo acabou tudo. Parede caiu, até umas altura boa, porque a água deu mais ou menos acima do joelho, então o pé de parede acabou tudo, nesse tempo a casa era de taipa, passamos uns 15 dias aí no mundo rodado e a casa velha abandonada. (RITA, 2018)

Algumas casas em bairros periféricos da cidade são construídas de alvenaria em etapas. O relato do senhor Hamilton expõe uma situação que foi comum no perímetro estudado.

Aqui nós tinha uma parte da casa que era construída na época, mas essa mesmo não danificou a estrutura, mas o que é de piso, uma parte que a gente tinha atrás que era casa de taipa, isso acabou-se tudo. Algumas coisas de quintal, tudo acabou-se, tudo! E a gente ainda hoje vive com esse trauma. (JOSÉ HAMILTON, 2018)

Felizmente, algumas pessoas não tiveram prejuízos financeiros significativos com móveis e reformas estruturais necessárias para voltar a morar nas suas casas. Dona Benta Maria, que teve que passar 15 dias fora, nesse período contou com a ajuda da cunhada para se alojar, como já tinha sua casa construída de alvenaria, acabou por ter gastos somente com a troca do piso e produtos para higienização, a mobília ficou segura e não teve maiores prejuízos.

Eu fui logo procurando ajeitar as coisas, né, colocando dentro de caixa, e aí ter o máximo de cuidado, né, pra não molhar as roupas, molhar colchão e aí, graças a Deus, eu não tive é, como é que se diz? É, prejuízos, eu não tive prejuízos. O prejuízo foi só mesmo porque a casa ficou, olha a água aqui, foi grande a enchente que tava dando aqui na minha perna [na perna? No joelho] aí eu peguei, eu digo: tem que sair daqui. Eu me adoeci nesse tempo, de tanto tá dentro dessa água tirano as coisas e tudo. (BENTA MARIA, 2018)

A necessidade de retirada das pessoas da área de risco causou uma mobilização em busca de alojamento. Eventualmente, essas famílias são deslocadas para espaços públicos, como ginásios esportivos e escolas do município. Sobre essa situação, dona Marilene Teixeira descreveu um pouco da rotina e do desconforto que é conviver com essa situação. Por não ter onde se abrigar por conta própria, durante 24 dias ela e sua família estiveram morando na escola Carmem Palácio Lago, juntamente com mais quatro famílias desabrigadas.

Para sobreviver nesses espaços de convívio coletivo, apesar do incomodo, a boa relação e a colaboração mútua se tornaram suportes para superar as dificuldades.

Nós era quatro família, então nós se ajuntamos aquelas famílias, e as vezes a gente fazia só uma coisa só, é, é de comida né? Por exemplo, assim, aí algumas coisas diferentes, alguém tinha coisa mais diferente, o outro tinha outra e assim a gente se ajuntava, num sabe? Nem todo dia, tinha dia que você resolvia fazer: não hoje eu vou fazer só o meu mesmo, tá, né, aqui. Mas não é bom, não aquela sensação de você ficar num colégio. Assim você não fica a vontade! Não tem aquela prioridade de você ficar a vontade lá no seu canto, é isso! (MARILENE TEIXEIRA, 2018)

2.4 “De lá pra cá a gente vem com esse drama de inundação constante, todo ano a gente tem essa, tem esse sufoco”: O retorno e os traumas.

Com a diminuição da intensidade das chuvas os moradores começaram a retornar para a área de suas residências. Esse processo foi acontecendo em momentos diferentes para cada família. Conforme a diminuição das águas nas ruas atingidas ia acontecendo, as pessoas começaram o processo de limpeza e ocupação dos seus imóveis. É interessante notar, que alguns moradores passaram muitos meses para conseguir ocupar seu lugar de moradia novamente, principalmente por questões financeiras e infraestruturais que envolvia as casas.

A residência de Dona Marilene Teixeira ficou 10 dias com água nos cômodos, durante esse período, enquanto estava alojada e cuidando dos pertences que restaram da família, o seu esposo e filhos acompanhavam a residência abandonada com visitas periódicas para garantir que materiais como telhas, portas e janelas, não fossem furtados durante a noite. Essa preocupação se confirmava por causa dos vários relatos de furtos que se disseminaram na época.

Eu não vinha, eu passei oito dias, eu mesmo passei oito dias pra mim vim aqui. Fiquei tão triste, desesperada, que eu não consegui vim logo. Assim pra mim ver como foi, sim, pra mim ver como foi que ficou a situação. Não tive coragem, é isso! Eu não tinha coragem de vim logo ver. Os meninos, meu marido chamava pra nós vim aqui, eu não vim, eu só vim depois de oito dias foi que vim ver como foi que tava a situação. (MARILENE TEIXEIRA, 2018)

A situação de estar exposto a uma mudança drástica de rotina e do modo de vida, foi uma circunstancia totalmente atípica da realidade desses moradores. Evene Austríaco que sempre viveu na mesma residência, que fica em umas das ruas mais afetadas pela inundação, nos relatou que:

Realmente foi um choque, por que nós voltamos como eu falei é no dia das mães, retornamos pra casa, mas mesmo assim aquele cheiro, aquele mau cheiro que tanta poluição, rato morto, aquela coisa. Nós achamos tantas coisas ruins lá dentro de casa, que nós passamos um bom tempo fazendo limpeza né, pra nós retornarmos ao nosso cotidiano né, normalmente. Então, assim, quando nós retornamos, a agua encheu novamente, a agua novamente subiu, então nós tivemos que sair né, choveu nesse dia muito forte, ai até minha tia disse, olha vocês não vão, mas nós insistentemente voltamos pra casa, mesmo ela não estando mais em condições né, digamos assim, mas ai nós tivemos que retornar, sair novamente de casa por que a agua inundou, então foi assim uma mudança de rotina, uma mudança totalmente drástica[...]

Viver em um local com potencial de constantes inundações no período chuvoso representa para esses moradores uma preocupação constante, por serem em sua maioria moradores antigos da região, alguns já passaram por outras situações que envolveram alagamento das ruas ou algum tipo de desconforto causado pelas chuvas.

De lá pra cá a gente vem com esse drama de inundação constante, todo ano a gente tem essa, tem esse sufoco. Quando vai começando o inverno a gente já fica naquela expectativa, é hoje, é amanhã, vai ou num vai... E o que acontece na maioria das vezes é que a gente vai mesmo [...] 2009 foi o ano mais difícil pra nós sobre a inundação, logo foi uma inundação mais forte mesmo e na medida do que a gente já vinha assustado, foi um drama em 2009.” (JOSÉ HAMILTON, 2018)

O inverno de 2018 foi relativamente menor, se comparado ao ano da inundação pesquisada, porém alguns sustos aconteceram como nos relatou a senhora Marilene.

Existe sim, a gente é preocupado. Agora mesmo nesse inverno a água veio de novo até no quintal da vizinha de frente, né?! A água veio e a gente ficou todo mundo tenso né?! Naquela preocupação de novo, pensando: meu Deus! De novo? Não acredito! E veio até aí, a

gente ficoou, mas graças a Deus, né?! Voltou, baixou as águas e não chegou até aqui, mas a gente é preocupado, ficamos preocupados, todo mundo, pensado nisso nessa possibilidade de sair de novo. (MARILENE TEIXEIRA, 2018)

A fala do senhor Hamilton mostra um pouco da dimensão do problema enfrentado anualmente. O inverno representa literalmente o perigo que se aproxima.

É muito difícil, é muito difícil. As pessoas que vivem em uma área dessa de risco, que nem nós vive. Nós vive sempre em pânico. todo mundo pede o inverno, já pra nós desse setor, não! Nós pede é que não chegue o inverno. O que é errado. Que o inverno a gente sabe que é a vida, mas infelizmente nós vive nesse drama. Quando é o inverno é aquele socorro, o caba sem dormir. [...] difícil a gente ver, na medida que você tá passando nessa situação que nós passamos aqui e continua passando, a gente percebe que tem gente que tá passando por situação mais difícil, né?! É muito difícil, mas fazer o que? A vida que segue e é o meu ponto de vista. (JOSÉ HAMILTON, 2018)

2.5 “É, o rio pra mim é tudo...”: Relação dos moradores com o lugar de moradia e o rio Itapecuru.

Na tentativa de entender a relação com o lugar de moradia e a identidade ribeirinha criada a partir da relação com o rio Itapecuru, foi levantada durante as entrevistas uma questão referente à eventual relação dessas pessoas com o rio Itapecuru e com a rua na qual residiam. As narrativas acerca dessa relação explicitam uma complexa dinâmica que envolve vários fatores que corroboraram na permanência dessas pessoas no local.

As falas sobre essa relação levam em consideração questões que envolvem aspectos como o sentimento de pertencimento, as relações sociais estabelecidas com a vizinhança, questões financeiras e até mesmo a falta de informação sobre o risco existente em parte do perímetro inundável do bairro Santo Antônio. Ao falar sobre o rio o senhor Hamilton demonstra a importância do mesmo para a sua vida.

É, o rio pra mim é tudo. Eu, quando me entendi como gente fui sempre ribeirinho e no rio é que faço minha pesca, faço meu trabalho sempre nas margens do rio, trabalhando e, é isso. Hoje eu não culpo o rio por essa tragédia que nós vive passando, infelizmente, nós é que vivemos agredindo o rio. Nós aqui, sabe que é a margem do rio,

e a gente infelizmente tá aqui e é o que eu tenho a falar sobre o rio. O rio é tudo. (JOSÉ HAMILTON, 2018)

Mesmo consciente da importância do rio Itapecuru na sua vida, ao falar sobre o principal motivo que o trouxe a morar naquela região de risco, o senhor Hamilton considera que as limitações financeiras são as principais responsáveis pela sua estadia na área até hoje.

O motivo é falta de condição, porque quando eu comprei isso aqui na época, por eu não ter informação comprei barato, que exatamente foi na condição que eu tinha. Aí fui aplicando cada centavo que eu ia arrumando aqui e hoje eu já tô aqui não tenho mais como sair, porque não tenho condição financeira de sair pra outro canto, porque pra eu sair pra outro canto eu preciso ter um dinheiro, e pra mim vender aqui ninguém vai comprar, quem é que quer vim pra um setor desse? (JOSÉ HAMILTON, 2018)

Marilene Teixeira ao lembrar-se da sua relação com o rio destaca principalmente a dependência que existia em décadas passadas pela falta de estrutura básica de encanação da água e também por causa da busca pelo alimento.

Até nos anos 90, 98, 2000, eu vou botar 2000, a gente usava muito o rio, a gente lavava roupa, é numa época assim que a gente chegou em Codó a gente ia até buscar água no rio naquele ano é 78, no ano [não tinha encanação?] sim, não tinha, aqui pra nós era água de poço, então tinha vez que a gente ia buscar água lá no rio, pra botar, pra beber mesmo, pra cozinhar, banhava, lavava, tudo isso [pescava?] vixe! Pescava muito, até naqueles anos, mais ou menos o ano 2000. De lá pra cá, aí foi tendo aquela coisa de água ficar inundada por aí, aí a gente foi evitando, evitando, que hoje tem sujeira, muita sujeira, então hoje, hoje eu digo assim, hoje nesse últimos anos que a gente não usa o rio Itapecuru, não, não usa pra nada assim. Tem ainda quem pesca, como agora nesse inverno agora, tem gente pescando aí no rio, né?! Tem gente que pesca. (MARILENE TEIXEIRA, 2018)

Quando questionada a respeito da rua onde mora, e o porquê de não se mudar, dona Marilene demonstrou um carinho e uma identificação muito forte com o lugar de moradia.

Eu não consigo me ver morando em outra rua a não ser aqui, porque eu gosto da rua Goiás, né?! A gente saiu naquela época e nós voltamos e eu digo aqui, se eu tivesse ganho uma casa de residencial, mesmo assim eu não iria morar pra lá. Eu não sei por quê, né?! Eu gosto é daqui da rua Goiás, aquilo, né?! Eu vim pra cá eu tinha 16 anos, naquele ano 76, então eu só me vejo aqui na rua Goiás, só consigo me ver aqui, morando aqui. (MARILENE TEIXEIRA, 2018)

Mesmo demonstrando ter pouco contato com o rio Itapecuru, dona Benta ao falar sobre as suas lembranças mostra uma das muitas utilidades que o rio tem para o povo ribeirinho, a lavagem de roupas e utensílios domésticos.

Não, eu não tive. Até porque eu, eu não sei nem pescar, botar uma isca num anzol pra pescar, né. Agora eu fazia assim, porque quando nós chegamos aqui não tinha água encanada, aí tinha água num poço aqui de uma vizinha, e a gente pegava água lá. E aí o rio era só pra mim lavar as roupas. (BENTA MARIA, 2018)

Ao se referir sobre o lugar de moradia a entrevistada destaca o fator financeiro como responsável pela continuação no local, mas também acrescenta que é mais cômodo ficar no local.

Primeiro é porque eu não tenho condição de comprar uma, uma casa, né, em outras ruas que a água não vá lá, entendeu? E eu não tenho essa condição e outra coisa também, aqui fica perto de meu marido ir pro interior que ele tem. Pra gente sair daqui, a gente tem que por acaso, eu não quero, eu não tenho vontade de morar no bairro São Francisco, no bairro Codó Novo, que é muito distante. E nós não temos condição de comprar uma casa, né, igual a minha, que a minha não é boa, mas pelo menos já tô acostumada nela e tudo. É uma casa grande [...] se eu tivesse uma condição eu já tinha saído daqui da beira desse rio. (BENTA MARIA, 2018)

Não obstante as dificuldades impostas pela tragédia das inundações serem algo relevante a se considerar para pensar sobre a possibilidade de sair do local, nos relatos transcritos percebe-se que existe uma aceitação entre a maioria dos entrevistados, de que viver naquele espaço, ainda é o melhor lugar para se estar.

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RELATOS: As convergências e singularidades do episódio.

Neste capítulo buscou-se apresentar e analisar algumas convergências acerca das experiências vividas, e ao mesmo tempo valorizar a individualidade da história de cada depoente. Construindo assim, uma narrativa sobre a inundação que permite considerar as reminiscências traumatizantes e as impressões pessoais que derivam da vivência dessas pessoas com o fato pesquisado.

Nesse sentido, é preciso entender que cada entrevistado ao se expor para uma conversa a respeito da sua experiência com a tragédia da inundação, tem a sua própria história, portanto, todos são entendidos nessa pesquisa como agentes históricos. A discussão e análise que se propõe não objetiva construir um discurso único, pelo contrário, como é típico da história oral, pretende-se contar “outras histórias”. Permitindo assim, que o homem e a mulher comum, seja autor (a) da sua própria história de vida e traga a tona suas próprias experiências.

Ressalto, que a história oral enquanto metodologia, como aponta Alberti (2005. p. 29) “não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento, entre tantos outros que podem ser usados pela historiografia”. Certamente, ao escolher esse método deixo latente o desejo de entender o episódio da inundação por uma perspectiva que permita ir para além do que se já tem registrado (muito pouco por sinal). Os relatos carregados de subjetividade são entendidos aqui como uma valiosa contribuição para se compreender o contexto e as impressões de cada entrevistado sobre a inundação.

Finalmente, destaco também que a análise ou as considerações qualitativas que proponho fazer nesse texto, só faz sentido porque como ressalta André (1983. p. 61) “ela permite apreender o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, bem como captar os diferentes significados de uma experiência vivida, auxiliando a compreensão do indivíduo no seu contexto”.

Sendo assim, ousamos constituir uma narrativa histórica que parte dos próprios indivíduos envolvidos. Tendo por pressuposto a soberania de cada indivíduo em suas narrativas, coube a este pesquisador, nortear a discussão acerca das histórias contadas, considerando o arcabouço teórico já apresentado e refletir sobre as afinidades e especificidade de cada fala.

Ao observarmos a situação dos moradores da área inundável do bairro Santo Antônio, foi possível perceber nos discursos de cada entrevistado, uma sequência de fatos narrados que se tornaram parte da memória dos inundados. O sentimento de medo, impotência diante da tragédia, os traumas coletivos que são despertados pelo risco de novas inundações, são questões que permeiam a vida dos moradores ribeirinhos.

O episódio da inundação, ocorrido em 2009, foi sem dúvida uma experiência emocional desagradável a todos os envolvidos. As memórias que a população atingida tem em relação a essa tragédia que afetou inúmeras residências, nos fez perceber que existe uma narrativa em comum diante da tragédia. Para se compreender tal fato é preciso lembrar o caráter coletivo de nossas lembranças, mesmo que seja de uma lembrança individual, ainda assim, é resultado de um constructo coletivo (HALBWACHS, 2003).

Ao realizarmos as entrevistas procuramos instigar os moradores a lembrarem-se dos momentos que antecederam a inundação de suas residências, o objetivo dessa provocação era perceber a expectativa inicial sobre a possibilidade da enchente que se aproximava. Após essa indagação, foi possível notar que a sensação inicial era que a água não chegaria as suas residências. O sentimento de esperança representava a crença de que não haveria necessidade de sair de casa, e tão pouco, enfrentar todo o transtorno de abandonar de maneira abrupta o lugar de moradia.

Nos relatos é possível notar que muitos dos moradores simplesmente não tinham para onde ir. Muitos contaram com a ajuda de amigos ou do poder público que cedeu espaços para abrigá-los. A falta de um lugar seguro e reservado para se abrigar foi algo que causou muito incômodo para os atingidos pela enchente. Situações como essa serviram para reforçar a magnitude dessas lembranças traumáticas que os cercam até os dias atuais.

Ao relatarem o drama e a agonia vivida no dia em que a água invadiu suas casas, o relato mais recorrente foi acerca da surpresa que tiveram ao perceber a subida repentina da água em direção as suas residências. Essa situação nos demonstra que após superar a fase da negação diante da tragédia, iniciou-se um ciclo de constatação de uma realidade que se impunha de maneira dramática.

Como demonstra as histórias contadas, o impacto causado pela chegada da água foi de fato algo difícil de esquecer. Ao falar sobre esse episódio os entrevistados ressaltavam sempre a situação de impotência diante do fato. Para além da surpresa com a chegada da água, o ponto comum sobre esse momento é o fato de ter sido necessária uma rápida ação para escapar dessa situação de vulnerabilidade e indefesa diante da enchente.

Outra questão relevante abordada nas conversas com os depoentes, que merece uma reflexão, é sobre os inúmeros prejuízos financeiros a qual foram submetidos pela enchente de 2009. A perspectiva de que por algum motivo não fossem atingidos, fez com que houvesse certa resistência e demora em tirar os móveis e outros tipos de pertences pessoais.

Fatalmente, essa demora inicial para se organizar e sair da área de risco foi responsável por potencializar os prejuízos financeiros de muito dos envolvidos. Apesar de haver disponível alguns carros para tirar os pertences dos moradores, a excessiva demanda fez com que alguns permanecessem mais tempo na área. E, portanto, tendo prejuízos maiores e maior exposição ao cenário da inundação.

Essa exposição ao risco trazido por um inverno mais rigoroso faz com que esses habitantes do perímetro inundável tenham consigo lembranças traumatizantes que são constantemente rememoradas. É interessante destacar que ao falar em rememorar, estamos falando de um processo de reconstrução que envolve disputas e está sujeito a inconstâncias (POLLACK, 1992).

Lembro-me particularmente sobre o caso da dona Benta Maria de 66 anos. Ao falar sobre a inundação vivenciada em 2009, aconteceu que, por vezes, ela começou a contar situações que viveu durante outra inundação, revelando um trauma que já a acompanhava alguns anos. Essa situação foi bastante interessante porque mostra como a memória humana tem suas limitações, e ao mesmo tempo uma capacidade de reter informações, que pode ser objeto de estudo da historiografia.

Ao falarmos com os moradores sobre o retorno as suas moradias pós-inundação, e eventuais traumas, foi possível notar através das falas que essa alteração drástica do modo de vida provocada pela inundação do bairro Santo Antônio, foi algo que deixou algumas impressões pessoais extremamente negativas sobre o episódio. Principalmente devido aos prejuízos financeiros que sofreram com

a inundação. O ato de recomeçar, para alguns ter que investir na estrutura da casa, comprar novos móveis, foi um agravante dessa triste experiência.

Essa experiência fez com que esses atingidos tivessem algumas preocupações que se tornaram constantes quando se trata do período chuvoso. É perceptível nas falas que o trauma é algo permanente que ainda os acompanha. As lembranças que envolvem esse momento das suas vidas nos faz perceber que existem histórias que não se pode contar através de documentos. Como ressalta Bossi (2003, p. 15) “a história que se apoia unicamente em documentos oficiais não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”. Das emoções que permeiam a história de vida de cada ser humano.

Ao refletir sobre o lugar de moradia, é necessário salientar, que existe uma relação de identidade com o lugar que se vive, que apesar de muitas situações desfavoráveis, muitos desses moradores nas suas narrativas demonstram imenso apego a tudo que construíram ao longo da sua vida, o que se percebe é que para além dos problemas vivenciados, o lugar de moradia se torna extremamente importante para esses moradores e certamente por essa relação estabelecida com o lugar de identidade, acaba por superar as preocupações futuras, como a possibilidade de novas enchentes ocorrerem no perímetro de inundação no qual residem.

Portanto, outros elementos são condicionantes para a permanência dessa população ribeirinha no local. Não obstante a questão financeira seja algo importante a se considerar, outras relações se destacam como importantes fatores para essa continuidade no local. Além do apresso a moradia construída ao longo de anos de trabalho, as relações mantidas com a vizinhança, o rio Itapecuru surge nessa relação como um importante lugar de memória (NORA, 1993).

Como demonstrado no relato dos entrevistados, o rio se tornou ao longo do tempo, parte importante da história dessas pessoas. Mesmo sabendo das possibilidades de uma nova inundação e a ameaça que existe a essa população ribeirinha, ao se referir sobre o rio, é comum vir a tona lembranças de infância que envolve o rio. Alguns utilizaram o rio para limpeza de roupas, outros para pescaria ou buscar água para necessidades básicas. Mas o certo é, que em seus discursos, o rio Itapecuru representa um lugar de identidade, um elo de pertencimento que une a população da área de inundação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível entender um fenômeno como o das enchentes, a partir de muitas perspectivas, inclusive a partir das memórias dos atingidos pelas inundações. Ao propor neste trabalho o uso da história oral como técnica de pesquisa e da memória como suporte para a investigação do episódio, foi por considerar que em um fato histórico pode existir múltiplas dimensões a serem pesquisadas.

Ao trabalhar esse fenômeno utilizando-se de uma abordagem qualitativa, entendemos que métodos mais tradicionais de pesquisa não nos possibilitaria consolidar o caminho a qual nos propomos inicialmente, o de constituir uma narrativa que surge a partir dos próprios entrevistados. Garantindo aos entrevistados o direito legítimo de serem autores de suas próprias histórias, de contarem suas próprias experiências.

No processo de entender através da pesquisa as situações vivenciadas, foi possível perceber que as inundações se constituem em um grave problema para os ribeirinhos. Mas que, para além disso, existe uma dinâmica que envolve vários sentimentos antagônicos, o medo, a insegurança, as relações estabelecidas com o lugar, a identificação e o sentimento de pertencimento, são elementos que fazem parte da vida dos moradores da área de inundação do bairro Santo Antônio .

Problemas com inundações urbanas são algo recorrente em várias cidades do Maranhão, e mesmo assim no âmbito acadêmico existe pouca abertura para essa temática. Sendo assim, essa pesquisa ainda que limitada, principalmente pelo pioneirismo, pretende inaugurar discussões que tratem dessas questões no âmbito universitário e da sociedade em geral. Ao trazermos a luz histórias particulares de vítimas das inundações e possibilitarmos que essas histórias sejam contadas, acreditamos que estamos contribuindo para que hajam proposições que venham garantir a segurança e conseqüentemente a vida dessa população exposta a tragédia.

Os relatos apresentados neste trabalho são portanto parte de uma nova história das inundações. Uma história carregada de sentimentos e particularidades, uma história que surge a partir da própria necessidade de ser ouvido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 155-202.

BARROS, José D'Assunção. História e memória– uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009.

BOSSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: Revendo algumas questões. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p.149-164.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 3º Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992.
Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>>.
Acesso em: Set. 2018.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em:
< http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>
Acesso em: Set. 2018.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História Oral. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os Debates sobre Memória e História: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 65-91.

APÊNDICES

Apêndice 1. Perfil dos entrevistados durante a pesquisa e imagens.

Nº	NOME	Idade	Morador no local	Foto
1	José Hamilton Ribeiro dos Santos	54	28 anos	
2	Benta Maria Pereira	66	42 anos	

3	Evene Coelho	Thaís	Austríaco	27	27 anos	
4	Marilene Teixeira Mota			57	25 anos	

5	Rita Oliveira	47	10 anos	
6	Luís Carlos da Silva	59	24 anos	



TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTO GRAVADO

Eu José Hamilton Ribeiro dos Santos
RG de Nº _____

Depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso do meu depoimento e/ou imagem, AUTORIZO, através do presente termo o pesquisador Oséas Cunha da Silva, a utilizar em seu trabalho monográfico intitulado **"Inundações Urbanas: Relatos das memórias e experiências vividas em 2009 por moradores do bairro Santo Antônio em Codó-MA"** as informações e registros coletados para fins de pesquisa científica. Pesquisa essa, vinculada ao curso de Ciências Humanas-História, na Universidade Federal do Maranhão.

Consciente do propósito do pesquisador, libero o material coletado para uso em sua monografia, slides e em publicações científicas como artigos e livros, sem quaisquer ônus financeiro.

Oséas Cunha da Silva

Pesquisador responsável

José Hamilton Ribeiro dos Santos

Sujeito da pesquisa

Codó, 29/05/2018



TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTO GRAVADO

Eu Bertha Maria Pereira
RG de Nº _____

Depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso do meu depoimento e/ou imagem, AUTORIZO, através do presente termo o pesquisador Oséas Cunha da Silva, a utilizar em seu trabalho monográfico intitulado "***Inundações Urbanas: Relatos das memórias e experiências vividas em 2009 por moradores do bairro Santo Antônio em Codó-MA***" as informações e registros coletados para fins de pesquisa científica. Pesquisa essa, vinculada ao curso de Ciências Humanas-História, na Universidade Federal do Maranhão.

Consciente do propósito do pesquisador, libero o material coletado para uso em sua monografia, slides e em publicações científicas como artigos e livros, sem quaisquer ônus financeiro.

Oséas Cunha da Silva

Pesquisador responsável

Bertha Maria Pereira

Sujeito da pesquisa

Codó, 28/05/2018



TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTO GRAVADO

Eu maria Rita Oliveira da Silva
RG de Nº _____

Depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso do meu depoimento e/ou imagem, AUTORIZO, através do presente termo o pesquisador Oséas Cunha da Silva, a utilizar em seu trabalho monográfico intitulado "**Inundações Urbanas: Relatos das memórias e experiências vividas em 2009 por moradores do bairro Santo Antônio em Codó-MA**" as informações e registros coletados para fins de pesquisa científica. Pesquisa essa, vinculada ao curso de Ciências Humanas-História, na Universidade Federal do Maranhão.

Consciente do propósito do pesquisador, libero o material coletado para uso em sua monografia, slides e em publicações científicas como artigos e livros, sem quaisquer ônus financeiro.

OSÉAS CUNHA DA SILVA

Pesquisador responsável

maria Rita Oliveira da Silva

Sujeito da pesquisa

Codó, 28/05/2018



TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTO GRAVADO

Eu Marilene Correia Costa Ferreira
RG de Nº _____

Depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso do meu depoimento e/ou imagem, AUTORIZO, através do presente termo o pesquisador Oséas Cunha da Silva, a utilizar em seu trabalho monográfico intitulado "***Inundações Urbanas: Relatos das memórias e experiências vividas em 2009 por moradores do bairro Santo Antônio em Codó-MA***" as informações e registros coletados para fins de pesquisa científica. Pesquisa essa, vinculada ao curso de Ciências Humanas-História, na Universidade Federal do Maranhão.

Consciente do propósito do pesquisador, libero o material coletado para uso em sua monografia, slides e em publicações científicas como artigos e livros, sem quaisquer ônus financeiro.

OSÉAS CUNHA DA SILVA

Pesquisador responsável

Marilene Correia Costa Ferreira

Sujeito da pesquisa

Codó, 28/05/2018



TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTO GRAVADO

EU LUIS CARLOS DA SILVA
RG de Nº _____

Depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso do meu depoimento e/ou imagem, AUTORIZO, através do presente termo o pesquisador Oséas Cunha da Silva, a utilizar em seu trabalho monográfico intitulado ***"Inundações Urbanas: Relatos das memórias e experiências vividas em 2009 por moradores do bairro Santo Antônio em Codó-MA"*** as informações e registros coletados para fins de pesquisa científica. Pesquisa essa, vinculada ao curso de Ciências Humanas-História, na Universidade Federal do Maranhão.

Consciente do propósito do pesquisador, libero o material coletado para uso em sua monografia, slides e em publicações científicas como artigos e livros, sem quaisquer ônus financeiro.

OSÉAS CUNHA DA SILVA

Pesquisador responsável



Sujeito da pesquisa

Codó, 29/05/2018